



V DOMINGO DA PALAVRA DE DEUS

«Permaneçei na minha palavra»

(cf. Jo 8, 31)

Subsídio Litúrgico-Pastoral



DICASTÉRIO PARA A EVANGELIZAÇÃO

SECÇÃO PARA AS QUESTÕES FUNDAMENTAIS
DA EVANGELIZAÇÃO NO MUNDO

Um agradecimento especial a:

Prof. P. Andrzej Stefan Wodka, C.S.S.R.

Academia Alfonsiana – Instituto Superior de Teologia Moral, Roma

Prof. P. Franco Manzi

Seminário Arquidiocesano da Diocese de Milão

Catholic Christian Outreach

Movimento de estudantes universitário dedicado à evangelização, Canadá

V DOMINGO DA PALAVRA DE DEUS

21 janeiro 2024

«Permaneçei na minha palavra»

(cf. Jo 8, 31)

Subsídio Litúrgico-Pastoral



«Permaneçei na minha palavra»

(cf. Jo 8, 31)

Índice geral

1.	Considerações práticas	6
2.	Propostas pastorais	7
	Em comunidade	7
	Em família.....	9
3.	Propostas de <i>Lectio Divina</i>	11
	Duas propostas sobre Jo 8,28-42	11
	<i>Lectio Divina</i> para jovens sobre Mc 1,14-20	18
	(Evangelho do III Domingo do T.C. 2024)	
4.	Uma catequese do Papa Francisco	21
5.	Exemplo do Card. Van Thuân	23
6.	Apêndice	25
	Adoração Bíblica	25
	Esquema para a Celebração Eucarística	31

Apresentação

A expressão bíblica com que pretendemos celebrar este ano o Domingo da Palavra de Deus é tirada do Evangelho segundo João: «Permanecei na minha palavra» (Jo 8,31). Um dos factos mais empolgantes da história do povo de Israel é certamente o verificar como o veículo privilegiado com o qual Deus se dirige ao povo e a cada pessoa continuar a ser a “palavra”. Dizer que Deus usa a “Palavra” equivale a dizer que Deus fala, isto é, Deus sai do silêncio e no seu amor dirige-se à humanidade. O facto que Deus fala implica que pretende comunicar algo de íntimo e absolutamente necessário para o homem, sem o qual este nunca poderia chegar a um pleno conhecimento de si mesmo nem do mistério de Deus. O colóquio permanente entre Deus e o homem, que caracteriza a história bíblica, possui os traços da amizade. É um colóquio pessoal, que toca o homem no seu íntimo e o envolve numa relação de amor, alcançando cada um na sua história para estar próximo de cada pessoa.

O facto fundamental que atinge a história dando-lhe uma orientação diferente é este: em Jesus Cristo, Deus fala de maneira plena e definitiva à humanidade. Ele é a Palavra feita carne, a Palavra que desde sempre foi pronunciada e que agora se torna também visível. O que é dado a conhecer aos homens é a Palavra, o *Logos*, o Verbo, a vida eterna... termos que se referem à ideia central e fundadora: a pessoa de Jesus Cristo. Tornam-se então muito significativas estas palavras que Jesus dirige a todos nós, crentes nele, no Evangelho de João: «Permanecei na minha palavra» (Jo 8,31). É o convite a não nos dispersarmos, mas a “permanecerem n’Ele”, numa unidade profunda e radical, como a dos ramos à videira (cf. Jo 15, 1-7). No Quarto Evangelho, o verbo “permanecer” tem um valor paradigmático. Permanecer na Palavra de Deus é muito mais do que um encontro apressado ou mesmo fortuito. A *Dei Verbum* explica-o de modo admirável: «Na riqueza do seu amor fala aos homens como amigos e convive com eles» (*Dei Verbum*, 2). Deus não só fala com os homens, mas fica com eles durante muito tempo, como se fossem verdadeiros “amigos”, que se conhecem há muito tempo; Deus “convive” connosco, fica para partilhar alegrias e dores e para dar à vida um sentido de plenitude que não se pode encontrar noutro lugar. Na sua Palavra, Deus ilumina-nos com a «luz da vida» (Jo 8,12), como bem afirma o bispo Agostinho: «*Se permanecerdes na minha palavra, sereis verdadeiramente meus discípulos*, e podereis contemplar a verdade tal como ela é, não por meio de palavras so-nantes, mas por meio da sua luz resplandecente, quando Deus nos saciar, como diz o salmo: *A luz do teu rosto foi impressa em nós, Senhor* (Sl 4,7)».

O Papa Francisco, na sua Carta Apostólica de conclusão do Jubileu da Misericórdia, encorajava que «cada comunidade pudesse, num domingo do Ano Litúrgico, renovar o compromisso em prol da difusão, conhecimento e aprofundamento da Sagrada Escritura: um domingo dedicado inteiramente à Palavra de Deus, para compreender a riqueza inesgotável que provém daquele diálogo constante de Deus com o seu povo» (*Misericordia et misera*, 7). Com a Carta Apostólica *Aperuit illis*, o Papa Francisco instituiu o Domingo da Palavra de Deus, fixando a sua celebração no III Domingo do Tempo Comum. Não é secundário que o Domingo da Palavra de Deus se insira num período em que a Igreja celebra o Dia do diálogo judaico-católico e

a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, conferindo-lhe um grande valor ecuménico e de comunhão. De facto, a Sagrada Escritura é desde sempre uma ponte de diálogo e de contacto importante com as outras confissões cristãs e com as outras religiões. Além disso, os Evangelhos deste domingo, nos três ciclos litúrgicos, apresentam o início do ministério e da pregação de Jesus, o Verbo feito carne.

É uma iniciativa profundamente pastoral com a qual o Papa Francisco quer deixar claro a importância que tem na vida quotidiana da Igreja e das nossas comunidades a referência à Palavra de Deus, uma Palavra que não está confinada num livro, mas que permanece sempre viva e se torna um sinal concreto e palpável. Cada realidade local poderá encontrar as formas mais adequadas e eficazes para viver este Domingo da melhor forma, fazendo «crescer no povo de Deus uma religiosa e assídua familiaridade com as sagradas Escrituras» (*Aperuit illis*, 15). Propomos este Subsídio pastoral como uma ajuda que queremos oferecer às comunidades paroquiais e àqueles que se reúnem para a celebração da Eucaristia dominical, para que este Domingo seja vivido intensamente.

O Domingo da Palavra de Deus permite uma vez mais que os cristãos reafirmem o convite persistente de Jesus a escutar e guardar a sua Palavra para oferecer ao mundo um testemunho de esperança que permita ultrapassar as dificuldades do momento presente. No caminho que o Papa Francisco convida toda a Igreja a percorrer em direção ao Jubileu de 2025, que tem como lema *Peregrinos de esperança*, o Domingo da Palavra de Deus torna-se uma etapa decisiva. A esperança que brota desta Palavra, de facto, provoca cada comunidade não só a proclamar a fé de sempre, mas sobretudo a comunicá-la com a convicção de que ela traz esperança a quem a escuta e a acolhe com um coração simples.

✠ Rino Fisichella

Pró-Prefeito do Dicastério para a Evangelização
Secção para as Questões Fundamentais da Evangelização no Mundo

Considerações práticas

Preparar o Domingo da Palavra de Deus

Para viver ativamente o *Domingo da Palavra de Deus* é importante que os preparativos se estendam do nível espiritual (oração pessoal e comunitária) ao material (adequada programação).

De facto, para favorecer o encontro com Deus na sua Palavra é necessária uma adequada preparação espiritual, pedindo a abertura do coração para aqueles a quem será proclamada a Palavra. Consequentemente, os preparativos para programar a iniciativa requerem que estes partam da oração individual e comunitária.

Sugestões:

- Uma semana antes do *Domingo da Palavra de Deus*, incluir na oração dos fiéis uma intenção dedicada a este fim.
- Prever na comunidade um momento de Adoração ao Santíssimo Sacramento, que será oferecido pela celebração do *Domingo da Palavra de Deus* (cf. p. 25).
- Fazer momentos de Catequese Bíblica.

Para viver o Domingo da Palavra de Deus

Celebrar a Santa Missa deste Domingo de modo solene, segundo o pedido do Papa Francisco. De facto, o lugar privilegiado para o encontro entre a comunidade cristã e a Palavra de Deus é a celebração eucarística. A Carta Apostólica *Aperuit illis*, no n° 3, apresenta algumas sugestões:

- Será importante que na celebração eucarística se possa entronizar o texto sagrado, de modo a tornar evidente à assembleia o valor normativo que a Palavra de Deus possui.
- Neste Domingo, de forma particular, será útil destacar a sua proclamação e adaptar a homilia para evidenciar o serviço prestado à Palavra do Senhor.
- Os Bispos poderão celebrar neste Domingo o rito de instituição do Ministério de Catequista e também de Leitor, para sublinhar a importância do anúncio da Palavra de Deus na liturgia.
- Os párocos poderão procurar um modo para entregar a Bíblia, ou um dos seus livros, a toda a assembleia, de modo a evidenciar a importância de continuar na vida quotidiana a leitura, o aprofundamento e a oração com a Sagrada Escritura, com especial referência à *lectio divina*.
- Fazer uma referência especial, na oração dos fiéis, à unidade dos cristãos, uma vez que a celebração do Domingo da Palavra exprime uma valência ecuménica.



«Gostaria imensamente que todos os cristãos pudessem aprender “o sublime conhecimento de Jesus Cristo” (cf. Fl 3,8) através da leitura assídua da Palavra de Deus, porque o texto sagrado é o alimento da alma e a fonte pura e perene da vida espiritual de todos nós. Por conseguinte, devemos envidar todos os esforços a fim de que cada fiel leia a Palavra de Deus, uma vez que “a ignorância das Escrituras é efetivamente ignorância de Cristo”, como afirma são Jerónimo».

(Papa Francesco)

EM COMUNIDADE

É bom recordar que a realização do programa não é o objetivo em si deste Domingo. O objetivo é, antes, encorajar o encontro contínuo, pessoal e comunitário, com a Palavra de Deus. Sabemos bem que escutar, partilhar, viver e anunciar a palavra de Deus não é tarefa de um único dia, mas de toda a nossa vida. Poderia ser uma ajuda criar um grupo permanente para promover diversas iniciativas bíblicas durante o ano e oferecer uma oportunidade de formação permanente dos fiéis.

Formação de leitores

É fundamental que as comunidades eclesiais se empenhem na formação dos fiéis que exercem a missão de leitor nas Celebrações Litúrgicas, para que esses sejam verdadeiros proclamadores da Palavra com uma preparação adequada, como já é habitual para os acólitos ou ministros extraordinários da Comunhão. Como se lê na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini* (nº 58):

«É necessário que os leitores encarregados de tal serviço, ainda que não tenham recebido a instituição no mesmo, sejam verdadeiramente idóneos e preparados com empenho. Tal preparação deve ser não apenas bíblica e litúrgica



mas também técnica: A formação bíblica deve levar os leitores a saberem enquadrar as leituras no seu contexto e a identificarem o centro do anúncio revelado à luz da fé. A formação litúrgica deve comunicar aos leitores uma certa facilidade em perceber o sentido e a estrutura da liturgia da Palavra e os motivos da relação entre a liturgia da Palavra e a liturgia eucarística. A preparação técnica deve tornar os leitores cada vez mais idóneos na arte de lerem em público tanto com a simples voz natural, como com a ajuda dos instrumentos modernos de amplificação sonora».

Trazer a Palavra “no bolso”

Assim sugere o Papa Francisco: «tende o hábito de trazer sempre um pequeno Evangelho no bolso, na bolsa, para o poder ler durante o dia». Existem várias edições do Novo Testamento ou do Evangelho, em volumes pequenos, de bolso, que cabem facilmente nas nossas malas ou mochilas e que podemos trazer sempre connosco.

Trazer a Palavra no telemóvel

Pode facilmente ter-se a Bíblia no telemóvel para a consultar em qualquer altura, existem diferentes aplicações e páginas de Internet em diferentes línguas, não só com a Bíblia, mas também com as leituras da Santa Missa para cada dia, páginas onde se pode ler ou escutar a Palavra de Deus, páginas com comentários e reflexões sobre a mesma. Pode colocar-se um lembrete nas notificações para ter um momento todos os dias para encontrar a Palavra de Deus, de modo a que ela possa acompanhar-nos onde quer que vamos.

Aprofundar a *Dei Verbum*

Para aprofundar este precioso documento, a Constituição Conciliar sobre a Revelação Divina, sugere-se a leitura dos primeiros pequenos volumes da coleção *Cadernos do Concílio*, preparada pelo Dicastério para a Evangelização por ocasião do 60º aniversário do início do Concílio Vaticano II e como preparação para o Jubileu de 2025.

Grupo bíblico

Pode-se organizar um grupo na comunidade eclesial, com periodicidade semanal ou mensal, que organize momentos formativos ou culturais de aprofundamento da Sagrada Escritura, e momentos de *Lectio Divina* comunitária. Para estes encontros, pode partir-se das propostas de *Lectio Divina* deste subsídio (cf. p. 11-20). Os encontros devem ser adaptados de acordo com as características do grupo (faixa etária, maturidade espiritual, etc.).

**Visitar uma Igreja**

Para as crianças e os jovens poder-se-ia sugerir também uma iniciativa “mistagógica” deste género: entrar numa Igreja da própria diocese com pinturas, vitrais ou mosaicos e identificar os episódios bíblicos que estes contam, detendo-se nos detalhes, os aspetos que possam despertar especial curiosidade.

Entregar citações bíblicas

escrever várias citações bíblicas (só a abreviatura) num pequeno pedaço de papel que pode ser enrolado: no final da missa pode ser entregue aos fiéis para ler em casa e partilhar em família.

Exposições bíblicas

Poderiam realizar-se exposições bíblicas, com imagens, informações, dados históricos e motivações para continuar a aprofundar a Sagrada

Rosário meditado

Uma outra fonte para rezar com as Escrituras é a grande variedade de orações católicas tradicionais, como o Rosário. Esta é uma oração evangélica de marcado orientação

crisológico, definida por São João Paulo II como «compendio do Evangelho». De facto, tem um carácter essencialmente contemplativo, uma vez que nos conduz à meditação dos mistérios da vida do Senhor, acompanhados por Aquela que mais próxima esteve do mesmo Senhor. Para dar fundamentação bíblica e maior profundidade à meditação, é útil que a enunciação do mistério seja acompanhada pela proclamação de uma passagem bíblica correspondente. É conveniente que, após a enunciação do mistério e a proclamação da Palavra, durante um cômputo período de tempo, se pare a fixar o olhar sobre o mistério meditado, antes de começar a oração vocal (cf. Carta Apostólica *Rosarium Virginis Mariae*, nn. 30-31).

EM FAMÍLIA

Um lugar privilegiado para a transmissão e a receção da fé é a própria família, onde, de geração em geração, se partilha experiencialmente o que se recebeu, isto é, as convicções e as certezas que brotam da própria experiência. O encontro à volta da mesa da Palavra de Deus enriquece e reforça a experiência da família como “Igreja doméstica”.

- Dedicar um tempo em família para uma breve leitura de uma passagem da Escritura, por exemplo, o Evangelho dominical. Escolher um lugar confortável e tranquilo em casa, longe das distrações da televisão e dos telemóveis. Começar com uma oração pedindo ao Espírito Santo que abra os nossos corações à Palavra de Deus. Ler a passagem em voz alta e depois dar algum tempo para a família refletir e partilhar as suas impressões. Terminar com uma oração em conjunto, para que esta Palavra dê fruto nas nossas vidas, ajudando-nos a caminhar para a santidade.
- Encarregar um pouco de tempo em família de recolher imagens artísticas que transmitam e expressem os temas bíblicos de uma determinada passagem da Escritura. Estas imagens (uma pintura, uma escultura, um vitral ou uma peça de música sacra) podem servir de ponto de referência para refletir sobre a Palavra de Deus, que adquire forma artística na tradição cristã.
- Momento de entrega da Palavra às crianças.
- Rezar o Rosário em família.
- Ver juntos filmes, séries bíblicas (como, por exemplo, *The Chosen*) e desenhos animados para os mais pequenos. Pode haver depois um momento de partilha, em que cada um partilha a sua opinião sobre o que viu ou se explica ou aprofunda alguma passagem ou cena.



«A meditação cristã, guiada pelo Espírito leva-nos a este diálogo com Jesus. Não há página alguma do Evangelho em que não haja lugar para nós. Para nós cristãos, meditar é um modo de encontrar Jesus».

(Papa Francesco)



Cada contacto crente com o texto da Sagrada Escritura é um encontro sempre desejado pela alma sedenta de Deus. Como uma flor que se abre ao sol, assim o coração humano se expõe ao sopro do divino Inspirador das palavras humanas assumidas e transformadas em palavras de Deus.

Uma abertura confiante: também eu posso agradar sempre a Deus!

O “toque” do Espírito é imediato no nosso texto, desde as primeiras palavras de Jesus. A alma é imediatamente arrebatada para as alturas da intimidade originária, da qual veio o Messias e onde se formaram as suas comunicações, destinadas a ressoar na história da humanidade. Esta *lectio divina* começa, de facto, com uma misteriosa promessa de compreensão exata da identidade de Cristo, da sua missão e das suas palavras, e do seu eterno posicionamento no “agrado do Pai”:

«“Quando tiverdes erguido ao alto o Filho do Homem, então ficareis a saber que Eu sou o que sou e que nada faço por mim mesmo, mas falo destas coisas tal como o Pai me ensinou. E aquele que me enviou está comigo. Ele não me deixou só, porque faço sempre aquilo que lhe agrada”. Quando expunha estas coisas, muitos creram nele» (Jo 8,28-30).

Impressiona a perspetiva de uma misteriosa “elevação” que só mais tarde poderá ser identificada com a crucifixão. Este será o “lugar” espantoso de uma epifania do amor rejeitado, mas sempre fiel, como só pode ser aquele de “Aquele que é”. Já com estas primeiras palavras, o coração é imediatamente colocado no lugar nativo das próprias palavras de Cristo: essas são, sim, humanas, mas a sua origem é divina: «como o Pai me ensinou, assim eu falo».

A partir destas primeiras frases, intui-se a chave da união com Deus na concretude da vida: «fazer sempre aquilo que lhe agrada» (Jo 8,29). O agrado do Pai, o seu sorriso de bênção para com os seus filhos e filhas não é apenas um “OK” fiscal de um acerto de contas, mas é a própria felicidade de Deus que se derrama sobre as suas amadas criaturas, sobre as suas expetativas profundas, sobretudo quando estão expostas às “elevações existenciais”, com as feridas das várias crucifixões quotidianas.

Com a caneta na mão...

É oportuno registar o ambiente da cena, uma vez que a Bíblia se lê não só com os olhos, mas também com a caneta na mão (Carlo M. Martini). O oitavo capítulo do evangelho de João – com os seus 15 versículos (8,28-42) – insere o leitor no contexto de confronto e crescente tensão em que Jesus se encontra, empenhado no templo e arredores a levar a cumprimento a revelação da sua Pessoa diante daqueles que representam a parte melhor do povo eleito: os fariseus, os escribas e os Judeus.

Estes últimos, segundo o estilo joanino, são as mais altas autoridades de Israel. E é precisamente com estes Judeus, cada vez mais indispostos, que se intensifica de forma dramática o confronto. Jesus, que inicialmente se apresenta como “Eu sou”, será obrigado – apesar de uma adesão inicial de fé dos Judeus – a desvendar as intenções homicidas daqueles que se professam filhos de Abraão



e filhos de Deus. As palavras de Jesus, interrompidas no versículo 42, seguem de facto com um dramatismo sem precedentes, que soa como um prelúdio da Páscoa, já próxima. Sente-se isto no inesperado “lamento” do Senhor que denuncia:

«Porque não entendeis a minha linguagem? Porque não podeis ouvir a minha palavra? Vós tendes por pai o diabo, e quereis realizar os desejos do vosso pai. Ele foi assassino desde o princípio, e não esteve pela verdade, porque nele não há verdade. Quando fala mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira» (Jo 8,43-44).

A Verdade de Deus – única fonte de uma liberdade feliz

“Então, Jesus pôs-se a dizer aos judeus que nele tinham acreditado: «Se permanecerdes fiéis à minha palavra, sereis verdadeiramente meus discípulos, conhecereis a verdade e a verdade vos tornará livres»” (Jo 8,31-32).

Jesus aqui fala àqueles que se tornaram seus discípulos. Propõe-lhes um caminho prolongado no tempo: é preciso *permanecer* na sua palavra, em sentido continuativo existencial.

A palavra de Cristo não é primariamente um objeto de estudo ou um tema de discussão reservado a especialistas (como os fariseus e os escribas). É um “permanecer” comparável ao contínuo “respirar” do oxigénio divino da palavra de Jesus, que coincide com uma intimidade crescente, segundo o modelo da intimidade entre o Pai e o Filho, que é assinalada nas palavras iniciais.

É neste “lugar” que se dá a assimilação existencial da Verdade. É nesta relação que se joga o “discipulado verdadeiro” que Jesus definirá como “amizade”. Só este modo de permanecer na sua palavra pode revelar o seu conteúdo, a sua mensagem e a sua energia vital: «Já não vos chamo servos, visto que um servo não está ao corrente do que faz o seu senhor; mas a vós chamei-vos amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi ao meu Pai» (Jo 15,15).

Deste modo, segundo João, graças a Jesus, chega-se ao conhecimento da Verdade, ou seja, ao conhecimento definitivo de Deus que manifesta à humanidade a sua origem e o seu destino final (a Trindade).

Jesus – Luz da Verdade que brilha nas trevas

O convite do Messias a permanecer na sua palavra começa a ressoar já no capítulo anterior.



Jesus subiu a Jerusalém para a Festa das Tendias e o seu ensinamento (7,1-24) suscita a discussão sobre a origem do Messias (7,25-30). Ele escolhe este momento para anunciar a sua partida iminente (7,31-36) que – embora dramática – coincidirá com a abertura das fontes eternas da água viva (7,37-39).

Contudo, esta promessa não acalma o confronto sobre a origem do Messias (7,40-53), baseado infelizmente num mero critério sócio-geográfico. «Da Galileia não sairá nenhum profeta!», afirmam os opositores (7,50), talvez até maliciosamente na sua subtil alusão à incompreendida conceção de Jesus antes da formalização do matrimónio: «Nós não nascemos da prostituição. Temos um só Pai, que é Deus!» (8,41).

Mas João sabe-o desde o prólogo do seu evangelho: «A luz brilha nas trevas» (Jo 1,5). A Verdade de Deus brilhará nas trevas desta rejeição chocante, dando lugar a uma inesperada epifania desse Amor que coincide com o próprio Deus. Só Deus, no Messias crucificado, saberá de facto amar, atravessando também os espaços humanos da dor e do sem-sentido, abertos pelo pecado e pela rejeição.



Neste inferno humano, a Verdade brilhará ainda mais com a sua luz e a sua energia salvífica. É o esplendor da gratuidade própria do Dom que coincide com o próprio Deus. Como o Espírito Santo, depois da Páscoa de Jesus, este *esplendor do dom gratuito* será derramado sobre os discípulos durante o Pentecostes, assinalando um novo início da Vida sem ocaso.

Juntos no “hoje” na graça – libertados para nos realizarmos no dom

A *lectio* de Jo 8,28-42 abre aqui o olhar interior do coração ao mistério da salvação. A filiação original entre o Criador e Adão, na quietude do paraíso, foi obscurecida pela rebelião, causada pela inveja da antiga Serpente (cf. Sb 2, 24). Também assim foi obscurecida a paternidade de Deus. A visão de Deus, do mundo e do próprio homem revestiu-se de suspeição e traduziu-se numa hostilidade da criação, numa violência crescente na humanidade e num silêncio do Céu...

Só uma nova palavra criadora do Pai poderia devolver a vida a uma realidade marcada pela morte.

O Logos divino que não conhece treva alguma, o Filho amado, foi “pronunciado” e enviado na encarnação para refulgir na noite do mundo, manifestando a fidelidade do Criador à sua criatura amada.

Para que o homem pudesse compreender isto e renascer ainda mais belo do que a primeira criação, o Filho do Homem tinha de entrar na morte de todo o sentido e de toda a relação, continuando a amar mesmo descendo aos infernos da existência humana longe do coração do Pai. É aqui que reside a libertação *do mal*, que Jesus nos ensinou a pedir no final do “Pai Nosso”, mas ainda mais a libertação *para* “ser-em-dom” e assim encontrarmo-nos num “nós”, reflexo da Trindade.

Permanecer na Palavra – permanecer em Jesus

Jesus revelou-nos hoje esse “Lugar” de onde veio e para onde regressa, com a sua páscoa, juntamente connosco: «Aquele que me enviou está comigo. Ele não me deixou só, porque faço sempre aquilo que lhe agrada» (8,29). “Estar com Ele” para sempre – eis o destino da humanidade, que se torna novamente acessível a todos aqueles que permanecem na sua Palavra.

É a síntese de todo o Evangelho: *permanecer na Palavra* coincide com *permanecer em Jesus*, como ele permanece no Pai. É um “viver em Cristo”, seguindo-o de perto, em direção à nova criação, originada na cruz, participando na sua epifania do Amor que não tem fim.

No encontro com esta Verdade está a resposta à pergunta que está na base de toda a ação cristã: pode o homem exprimir plenamente a sua liberdade no dom gratuito de si? A resposta encontra-se nas palavras de Jesus na Última Ceia: «Quem ama a sua vida, perdê-la-á, e quem despreza a sua vida neste mundo conservá-la-á para a vida eterna» (Jo 12,25).

Senhor, tu repetes a cada um de nós:

«Permanecei em mim e eu em vós» (Jo 15,4).

**Pedimos-te a graça de confiar plenamente nas tuas palavras,
que agora se tornaram a nossa vida. Concede-nos que,
oferecendo-nos constantemente pela vida do mundo, como tu fizeste,
nos saibamos teus amigos. Assim estaremos sempre envolvidos
pela luz das tuas palavras e aquecidos pela sua graça, permanentemente
inseridos em ti, que és a Palavra do Pai,
cheia do Espírito de Amor.**

Amém

«Diz-me com quem andas e dir-te-ei quem és»: assim diz um conhecido provérbio. Simplificando a complexa passagem do Evangelho deste domingo (Jo 8,28-42), poderíamos dizer que Jesus faz um discurso semelhante a um grupo de Judeus, que tinham começado a segui-lo como seu mestre de vida: «Se permanecerdes na minha palavra, sereis verdadeiramente meus discípulos, conhecereis a verdade e a verdade vos tornará livres» (8,31-32). Dito de outra forma: «Se confiardes no que vos digo e vos tornardes meus discípulos, também vós vos tornareis *semelhantes a mim*». E como é que uma pessoa se torna, quando vai atrás de Jesus? Torna-se uma *pessoa livre*: «Se o Filho vos libertar – explica Ele próprio – sereis realmente livres» (8,36; cf. v. 32).

Todavia, quanto à liberdade, não podemos fazer batota! Hoje em dia, está muito difundida um modo de entender a liberdade que não é o modo de Cristo. No fundo, na nossa cultura, quando se fala de *liberdade*, esta é quase sempre entendida como *fazer o que se quer*.

Se eu perguntasse a um de vós o que significa ser livre, tenho a certeza de que alguém responderia: «Sou livre quando posso fazer o que quero». É claro que sentimos que esta definição de liberdade é ingénuo. Na escola ou em algum encontro formativo na paróquia, somos capazes de discutir longamente os insidiosos condicionamentos socioeconómicos que racham a nossa liberdade. Mas, entretanto, quando tomamos certas decisões, também nós obedecemos a esta espécie de dogma contemporâneo: «Sou eu que decido sobre mim próprio». Ficamos de tal forma fascinados com esta ideia que partimos do princípio que isso se aplica também à nossa relação com Deus.

É a convicção que, por exemplo, o filósofo existencialista ateu Jean-Paul Sartre pôs nos lábios do protagonista da peça de teatro *As moscas*, que grita ao seu deus: «Eu sou a minha liberdade! Assim que me criaste, deixei de te pertencer. [...] Não voltarei a estar sob a tua lei [...]. Porque sou um homem [...], e cada homem deve inventar o seu caminho».

No Evangelho, porém, Cristo apresenta-nos uma outra ideia de liberdade, diametralmente oposta àquela que se difundiu na nossa sociedade, segundo a qual, sem prejuízo dos direitos dos outros, cada um não seria obrigado a responder perante ninguém pelas suas opções.

Pelo contrário, Jesus promete aos seus discípulos – de ontem e de hoje: «*Tornar-vos-eis livres na medida em que permanecerdes na minha palavra*» (cf. Jo 8,31-32).

Para além da amarga disputa de Jesus com os Judeus sobre a descendência de Abraão, que marca esta página do Evangelho, tentemos atualizar a sua revelação sobre a liberdade: «Queres ser livre? – parece ensinar-nos Jesus – Deixa que seja o Evangelho a decidir a tua vida. Deixa de imaginar ingenuamente que podes fazer o que queres, porque, para dizer a verdade, quem me segue não pode comportar-se assim. Quem decide ser meu discípulo só pode fazer o bem,



mesmo à custa de pagar por isso em termos de energia, tempo, afeto e até dinheiro. E então, ainda queres ser meu discípulo? Entrega-me a tua vida! Continua a acreditar que em mim encontrarás o bem supremo da tua existência; aposta no amor como eu fiz (cf. 13,34; 15,12). Se estiveres disposto a isto, prometo-te uma autêntica liberdade, com a qual poderás chegar ao Deus-amor (cf. 1 Jo 4,8.16). Se, pelo contrário, queres fazer o que queres, lamento: nunca serás verdadeiramente livre; pelo contrário, tornar-te-ás escravo do teu “eu” e, no fim, do teu próprio pecado» (cf. 8, 34). Parafraseado desta forma, o Evangelho deste domingo da Palavra de Deus já não parece assim tão distante da nossa vida como provavelmente parecia ao início. Longe disso: torna-se uma verdadeira provocação. Tanto que, também no tempo de Cristo, perante estas suas palavras, imediatamente aquele grupo de Judeus que inicialmente tinha acreditado nele (8,31) reagiu com dureza, passando para a fila dos seus adversários: «Nós – responderam a Jesus – nunca fomos escravos de ninguém! Como é que Tu dizes: “Sereis livres”?» (8,33).



Efetivamente, com que direito pode Cristo afirmar que a nossa liberdade depende da obediência à sua palavra? Como responder à objeção dos seus opositores, que, aliás, coincide com a de tantos dos nossos contemporâneos que se afastaram dele e da Igreja?

Numa entrevista à Rádio Vaticano, o Papa Bento XVI explicou que «a ideia geralmente difundida é que os cristãos têm de observar uma imensidão de mandamentos, proibições, princípios e coisas do género e que, por isso, o cristianismo é algo de cansativo e opressivo de viver e que se é mais livre sem todos esses fardos».

Como responder a quem pensa assim? Antes disso, como dar razões da nossa esperança em Cristo (cf. 1 Pe 3, 15) ao “não crente” que habita também no nosso coração e que sente diariamente a tentação do «faço o que quero»?

Bento XVI responde de novo: «Os mandamentos, quando os examinamos em profundidade, são o meio que o Senhor nos dá para defender a nossa liberdade, tanto dos condicionamentos internos das paixões como dos abusos externos dos malfatores. Os “nãos” dos mandamentos são outros tantos “sins” para o crescimento de uma autêntica liberdade».

Para compreender porque é que só na vontade divina, que só Cristo nos manifestou de modo pleno e definitivo, encontramos a fonte da nossa liberdade e da nossa felicidade, devemos recordar que somos essencialmente criaturas de Deus. Isto significa que o único que sabe realmente do que precisamos para viver de modo autenticamente humano ou – como Jesus gostava de dizer – como filhos «bem-aventurados» (Mt 5,1-12; Lc 6,17-23) é Deus, e não nós! De facto, sempre que tentamos nós estabelecer o que é bom e o que é mau sem ele, *caímos na areia movediça do pecado*. Com efeito, desde Adão e Eva (cf. Gn 3), todo o pecado foi sempre causado pela falta de fê, o que nos leva a dizer: «Deus é um pai-patrão! Porque é que, para ser feliz, tenho de obedecer aos seus mandamentos e às palavras do seu Filho (cf. Jo 8,31)? Sou ou não sou livre?».

Mas é precisamente quando fazemos estes raciocínios – como Jesus nos revela no Evangelho de

hoje –, que acabamos por cair escravos do pecado. Sem dúvida, num primeiro momento, iludimo-nos, pensando que assim conquistaremos a nossa felicidade. «Finalmente, – pensamos – serei rico e não terei necessidade de mais nada (cf. Ap 3, 17); serei famoso (cf. Gn 11, 4; Is 14, 13-14); satisfarei qualquer desejo (cf. Ex 20, 17)».

Mas depois, sempre desde o início, acontece – como ensina o *Catecismo da Igreja Católica* – «o pecado arrasta ao pecado; gera o vício, pela repetição dos mesmos atos. Daí resultam as inclinações perversas, que obscurecem a consciência e corrompem a apreciação concreta do bem e do mal. Assim, o pecado tende a reproduzir-se e reforçar-se». Neste sentido, Jesus revelou-nos que o pecado escraviza quem o comete (cf. Jo 8, 34). Depois, – como nos testemunham tantas páginas da Bíblia (cf. Gl 6,8; Rm 6,21.23) – os nossos atos maus, ainda que desonestos e escondidos, causam sempre consequências deletérias, que fazem sofrer outras pessoas: aquelas que queríamos magoar, mas também outras inocentes, talvez entre os nossos próprios entes queridos. Além disso, mais cedo ou mais tarde, o mal que cometemos volta contra nós como um *boomerang*, nem que seja sob a forma de remorsos, muitas vezes invisíveis para os outros, mas não menos dolorosos para nós (cf. Ez 36,31; Mt 26,75; 27,3-5).

Conhecendo esta terrível possibilidade inerente à nossa liberdade, Cristo, através do qual e em vista do qual fomos criados por Deus (cf. Col 1, 16), dá-nos hoje uma sugestão preciosíssima: «Se queres ser livre, deixa que eu me torne cada vez mais o critério último das tuas escolhas» (cf. Jo 8, 36). Este é o segredo da vida: apostar a nossa liberdade no Deus confiável que nos foi revelado por Cristo. Viver pela fé (Rm 1,17; Gl 3,11; Hb 10,38; cf. Hab 2,4) como Abraão, e assim nos tornamos seus descendentes (Jo 8,33.37). Mais ainda: vivendo como filhos de Deus (cf. 8,42) como Cristo. Como? Deixando-nos conduzir docilmente pelo Espírito (Gal 4,6; Rom 8,15), que sopra sobretudo na palavra de Cristo (cf. Jo 6,63; 14,26; 16,14). Chegaremos, assim, a *reconhecer com gratidão* que recebemos tudo do Pai, pelo que procuraremos, em plena liberdade, levar a bom termo – exatamente como fazia o Filho (cf. 5, 36; 9, 4; 10, 31.37; 17, 4) – *as suas boas obras* (cf. 3, 21; 14, 12).

Com alegria, então, exprimimos nesta eucaristia a nossa gratidão ao Pai pelo dom da *liberdade*, *que*, ajudados pelo Espírito, *desejamos pôr ao seu completo serviço*:

**Agradecemos-te, Pai,
porque não nos criastes como marionetas sem cordas,
obrigados a fazer a tua vontade.
Obrigado pelo dom imenso da liberdade
e pelo inquieto desejo de amor
que nos impele para ti.**

**Dá-nos, Pai, o Espírito Santo,
para que ele fortaleça em nós
a escolha de obedecer
à palavra verdadeira e libertadora do teu Filho,
o único caminho que conduz à vida contigo.**

Que assim seja para todos nós.

Lectio Divina para jovens

Mc 1, 14-20

Nesta passagem da Escritura, São Marcos narra o chamamento de Simão, André, Tiago e João, quatro pessoas normais que Jesus chama a segui-lo e a colaborar na sua missão de fazer discípulos de todas as nações, tornando-se pescadores de homens. No entanto, não devemos ler esta história apenas como um relato de factos passados. O chamamento à missão de evangelização é para todos os batizados: «Em virtude do Batismo recebido, cada membro do povo de Deus tornou-se discípulo missionário» (*Evangelii Gaudium*, 120). Podemos identificar quatro temas-chave nesta passagem da Escritura: Fazer, Urgência, Chamamento e Resposta.

Enquanto caminha ao longo da margem do mar da Galileia, Jesus vê Simão e André a pes-



car. Chama-os: «Vinde comigo e farei de vós pescadores de homens» (Mc 1,17). Jesus sabe que não está a chamar homens qualificados para o seguirem. De facto, Marcos faz notar de modo particular que «eram, de facto, pescadores» (Mc 1,16). Os pescadores não eram considerados parte da classe social mais instruída. Não eram doutores da lei nem levitas. Eram simples, como sal da terra.

No entanto, Jesus chama Simão e André para lançarem as redes e o seguirem, prometendo fazer deles pescadores de homens. Há algo de significativo no uso da palavra “fazer” nesta frase. Jesus não se limita a chamá-los para o seguirem. Ele promete-lhe que

os transformará nos pescadores de homens que quer que eles sejam. Fazer alguma coisa exige premeditação, planeamento e intenção. Quando se quer construir algo de bom, pensa-se antecipadamente na forma de o fazer. Há um fim em mente, uma planificação e uma previsão que precedem a realização. Ao utilizar o termo “fazer”, Jesus indica a Simão e André que tem um objetivo em mente para eles: passar de pescadores de mar para se tornarem pescadores de homens para todo o mundo. Um ditado comum diz que “o Senhor não escolhe os qualificados, mas qualifica os escolhidos”. **Aqui vemos Jesus a chamar dois homens aparentemente não qualificados com a promessa de que os plasmará e moldará intencionalmente para se tornarem os pescadores de homens que ele deseja. Na oração, pergunta ao Senhor como é que ele te está a moldar como discípulo missionário.**

Ambos os grupos de irmãos no relato de Marcos respondem com urgência ao chamamento do Senhor para o seguirem. Marcos descreve ambas as respostas como “imediatas” (cf. Mc 1,18.20). O uso de uma linguagem que evoca um sentido de imediatez é característico do Evangelho de Marcos. Isto, porém, não deve levar-nos a pensar que se trata apenas de uma técnica literária utilizada por Marcos. O facto de ambos os grupos de irmãos estarem dispostos a deixar a sua vida de pescadores para seguirem Jesus imediatamente deve dizer-nos algo sobre a urgência da missão.

Na *Redemptoris Missio*, S. João Paulo II escreveu sobre a urgência da missão da Igreja: «O número daqueles que ignoram Cristo, e não fazem parte da Igreja está em contínuo aumento; mais ainda: quase duplicou, desde o final do Concílio. A favor desta imensa humanidade, amada pelo Pai a ponto de lhe enviar o Seu Filho, é evidente a urgência da missão» (*Redemptoris Missio*, 3).

A *Redemptoris Missio* foi escrita em 1990. Em grande parte do mundo, certamente na América do Norte e na Europa, «o número daqueles que ignoram Cristo e não fazem parte da Igreja» continuou a aumentar nos últimos trinta e três anos. Há também muitos lugares no mundo onde as pessoas nunca tiveram a oportunidade de ouvir a Boa Nova de Jesus. Isto deveria estimular um renovado sentido de urgência para a missão de evangelização. Quando consideramos o grande número de almas que não abraçaram a relação profunda, pessoal e íntima com as três pessoas da Santíssima Trindade, que é o próprio objetivo das suas vidas, a urgência para cada um de nós de responder ao chamamento à evangelização deveria ser evidente.

Se pensássemos que, talvez, este apelo urgente a participar na missão de fazer discípulos de todas as nações (cf. Mt 28, 19-20) era para os apóstolos e não se dirige a nós, deveríamos recordar as palavras de São Paulo VI:

«Finalmente, aquele que foi evangelizado, por sua vez, evangeliza. Está nisso o teste de verdade, a pedra-de-toque da evangelização: não se pode conceber uma pessoa que tenha acolhido a Palavra e se tenha entregado ao reino sem se tornar alguém que testemunha e, por seu turno, anuncia essa Palavra» (*Evangelii Nuntiandi*, 24).

Quando Jesus chama, é um momento pessoal, único, urgente e intencional. Foi um chamamento pessoal para estes homens, e é um chamamento pessoal para cada um de nós. Tendo em conta a urgência da missão, cada um de nós deveria perguntar-se: como é que Jesus me chama a responder com imediatez para me juntar a ele na missão de fazer discípulos de todos os povos? Poderás ouvir este chamamento pela primeira vez, ou então aperceberes-te que é aquilo que sentes no teu coração há muito tempo e que, por isso, é tempo de responder.

Para e coloca-te nesta passagem da Escritura, enquanto ouves o chamamento de Jesus para ires: o que ouves? O que é que percebes? Como reage o teu coração, quando estás cansado, sentado num barco depois teres trabalhado por muitos dias? O que é que o Senhor te poderia pedir para



deixar para o seguir com esta imediatez? Pode ser algo importante, como o teu trabalho, o teu emprego ou a tua família, mas também pode ser outra coisa, como um particular pecado na tua vida, ou mesmo algo como apagar uma aplicação com a qual perdes muito tempo para passares mais tempo com o Senhor ou com um grupo de amigos.

Jesus chama-te pessoalmente para o seguires e convida-te a seres o seu discípulo missionário hoje; chama-te onde estás; não precisas de ser perfeito, mas, como os primeiros apóstolos, não pronto, mas disponível. Este chamamento não se baseia nas tuas capacidades ou na tua devoção religiosa, mas na tua vontade de responder. Na *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco escreve:

«Em virtude do Batismo recebido, cada membro do povo de Deus tornou-se discípulo missionário (cf. Mt 28, 19). Cada um dos batizados, independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um sujeito ativo de evangelização... Esta convicção transforma-se num apelo dirigido a cada cristão para que ninguém renuncie ao seu compromisso de evangelização» (n. 120).

Esta passagem chama-te hoje a ser um “pescador de homens”. Relê a Escritura e põe o teu nome no lugar de Simão, André, Tiago ou João. O que é que te impede de responder imediatamente ao chamamento de Jesus para a missão de evangelização? Imagina-te como um dos apóstolos: quando Jesus te diz: «Vem e segue-me», segui-lo-ás imediatamente?



Uma catequese do Papa Francisco

Catequese sobre a oração com as Sagradas Escrituras

Audiência Geral, 27 janeiro 2021

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje gostaria de me concentrar na oração que podemos fazer a partir de um trecho da Bíblia. As palavras da Sagrada Escritura não foram escritas para permanecer presas nos papiros, nos pergaminhos ou no papel, mas para serem recebidas por uma pessoa que reza, fazendo-as brotar no próprio coração. A palavra de Deus vai ao coração. O Catecismo afirma: «A leitura da Sagrada Escritura deve ser acompanhada de oração – a Bíblia não pode ser lida como um romance - para que seja possível o diálogo entre Deus e o homem» (n. 2653). Assim a oração te conduz, pois é um diálogo com Deus. Aquele versículo da Bíblia foi escrito também para mim, há muitos séculos, para me trazer uma palavra de Deus. Foi escrito para cada um de nós. Esta experiência acontece a todos os crentes: uma passagem da Escritura, ouvida muitas vezes, de repente um dia fala-me e ilumina uma situação que estou a viver. Mas é necessário que eu esteja presente nesse dia, no encontro com essa Palavra, que esteja ali, ouvindo a Palavra. Todos os dias Deus passa e lança uma semente no terreno da nossa vida. Não sabemos se hoje encontrará terra árida, silvas, ou terra fértil que faça crescer essa semente (cf. Mc 4, 3-9). Depende de nós, da nossa oração, do coração aberto com que nos aproximamos das Escrituras para que elas possam tornar-se para nós a Palavra viva de Deus.

Deus passa, continuamente, através da Escritura. E repito o que disse na semana passada, citando Santo Agostinho: “Tenho medo do Senhor quando passa”. Por que ter medo? Que eu não o ouça, que não me aperceba que é o Senhor.

Através da oração realiza-se uma nova encarnação do Verbo. E nós somos os “tabernáculos” onde as palavras de Deus querem ser recebidas e guardadas, para poder visitar o mundo. Por esta razão, devemos aproximar-nos da Bíblia sem segundas intenções, sem a instrumentalizar. O crente não procura nas Sagradas Escrituras o apoio para a própria visão filosófica ou moral, mas porque espera um encontro; sabe que essas palavras foram escritas no Espírito Santo, e que por isso nesse mesmo Espírito devem ser acolhidas, devem ser compreendidas, para que o encontro se realize.

Incomoda-me quando ouço cristãos a recitar versículos da Bíblia como papagaios. “Oh, sim, o Senhor diz..., Ele assim o quer...”. Mas, com aquele versículo, encontraste-te com o Senhor? Não é apenas um problema de memória: é um problema de memória do coração, aquela que te abre para o encontro com o Senhor. E aquela palavra, aquele versículo, leva-te ao encontro com o Senhor.

Portanto, lemos as Escrituras para que elas “nos leiam”. E é uma graça ser capaz de se reconhecer



nesta ou naquela personagem, nesta ou naquela situação. A Bíblia não é escrita para uma humanidade genérica, mas para nós, para mim, para ti, para homens e mulheres em carne e osso, homens e mulheres que têm nome e sobrenome, como eu, como tu. E a Palavra de Deus, impregnada do Espírito Santo, quando é recebida com um coração aberto, não deixa as situações como antes, nunca, muda alguma coisa. E esta é a graça e a força da Palavra de Deus.

A tradição cristã é rica de experiências e reflexões sobre a oração com a Sagrada Escritura. Em particular, afirmou-se o **método da “lectio divina”**, nascido num ambiente monástico mas agora praticado também por cristãos que frequentam as paróquias. Trata-se antes de mais de ler a passagem bíblica com atenção, mais ainda, eu diria com “obediência” ao texto, a fim de compreender o que ele significa em si mesmo. Em seguida entra-se em diálogo com a Escritura, para que aquelas palavras se tornem um motivo de meditação e oração: permanecendo sempre fiel ao texto, começo a perguntar-me o que ele “diz a mim”. Este é um passo delicado: não devemos resvalar para interpretações subjetivas, mas inserir-nos no sulco vivo da Tradição, que une cada um de nós à Sagrada Escritura. E o último passo da lectio divina é a contemplação. Aqui as palavras e os pensamentos dão lugar ao amor, como entre os noivos que por vezes se olham em silêncio. O texto bíblico permanece, mas como um espelho, como um ícone a ser contemplado. E assim tem-se o diálogo.



Através da oração, a Palavra de Deus vem habitar em nós e nós habitamos nela. A Palavra inspira bons propósitos e apoia a ação; dá-nos força, dá-nos serenidade, e até quando nos põe em crise, nos dá paz. Em dias “maus” e confusos, assegura ao coração um núcleo de confiança e amor que o protege dos ataques do maligno.

É assim que a Palavra de Deus se faz carne – permito-me usar esta expressão: faz-se carne - naqueles que a acolhem em oração. Em alguns textos antigos emerge a intuição de que os cristãos se identificam tão intimamente com a Palavra que, mesmo se todas as Bíblias do mundo fossem queimadas, um “molde” dela ainda poderia ser salvo através da marca que deixou na vida dos santos. Esta é uma bonita expressão.

A vida cristã é obra de obediência e ao mesmo tempo de criatividade. Um bom cristão deve ser obediente, mas deve ser criativo. Obediente porque ouve a Palavra de Deus; criativo, porque tem dentro o Espírito Santo que o impele a praticá-la, a anunciá-la. Jesus diz isto no final de um dos seus discursos proferidos em parábolas, com esta comparação: «Todo o escriba instruído acerca do reino dos céus é semelhante a um pai de família que tira coisas novas e velhas do seu tesouro» – o coração (Mt 13, 52). As Sagradas Escrituras são um tesouro inesgotável. Que o Senhor nos conceda, a todos nós, haurir delas cada vez mais através da oração. Obrigado.

O exemplo do Venerável Card. Van Thuân

«O testemunho dos Beatos e dos Santos ilumina-nos, atrainos e também nos interroga porque é “palavra de Deus” encarnada na história e próxima de nós»

(Papa Francesco).

Francesco Saverio Nguyễn Van Thuân nasceu a 17 de abril de 1928, em Huê (Vietname), numa família profundamente cristã. Aos 12 anos, entrou no Seminário Menor do Vicariato de Huê e, após os anos de estudo e formação no Seminário Maior, foi ordenado sacerdote a 11 de junho de 1953. Foi consagrado bispo a 24 de junho de 1967. Após oito anos de governo pastoral, a 15 de agosto de 1975 foi preso por ser considerado politicamente perigoso. Foi acusado de estar ao serviço de governos estrangeiros que atentavam contra o êxito da revolução comunista no país. Sob escolta militar, foi imediatamente deportado para a aldeia de Cay Vông, a dez quilómetros da sua diocese. Durante a sua prisão, conseguiu que os fiéis lhe enviassem vinho numa pequena garrafa na qual estava colada uma etiqueta com a legenda: “Remédio para as dores de estômago” e algumas hóstias escondidas numa lanterna contra a humidade, celebrando a Santa Missa na palma da sua mão, com três gotas de vinho e uma gota de água. Vivía na presença de Jesus, que guardava no bolso da camisa. É assim que ele descreve esses momentos:

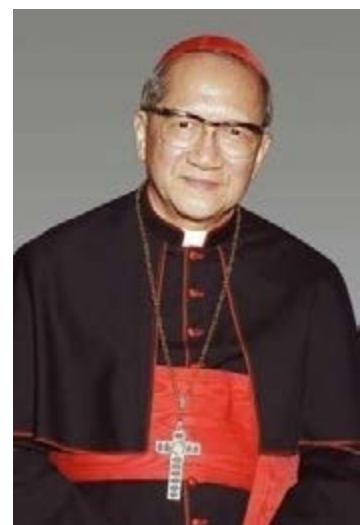
«Nunca poderei exprimir a minha grande alegria; celebrava a Missa diariamente, com três gotas de vinho e uma gota de água na palma da mão. Era esse o meu altar e era essa a minha catedral! Em cada dia tinha a oportunidade de estender as mãos e de me pregar na cruz com Jesus, de beber com Ele o cálice mais amargo. Foram as mais belas Missas da minha vida... Assim na prisão sentia bater no meu coração o próprio coração de Cristo. Sentia que a minha vida era a sua vida e a dele era a minha».

Sem ter um único texto da Sagrada Escritura, escrevendo em pequenos pedaços de papel todas as passagens de que se lembrava, conseguiu compor uma pequena Bíblia pessoal:

«Na prisão, não pude levar a Bíblia comigo; por isso, juntei todos os pedaços de papel que encontrei e fiz para mim uma minúscula agenda, na qual escrevi mais de 300 frases do Evangelho; este Evangelho reconstruído e redescoberto foi o meu *vademecum quotidiano*, a minha preciosa arca do tesouro de onde retirei força e alimento através da *lectio divina*».

A prisão durou treze anos, nove dos quais em isolamento. Finalmente, foi libertado a 21 de novembro de 1988, na memória da Apresentação de Nossa Senhora no Templo. Para o Cardeal Van Thuân, a ligação era tão simples quanto imediata: «Nossa Senhora libertou-me!». Durante estes anos, Van Thuân agarrou-se à Palavra de Deus e à Eucaristia, tentando memorizar passagens da Bíblia e uniu-se espiritualmente à Virgem Maria:

«Quando as misérias físicas e morais, no cárcere, tornam-se muito pesadas e me impedem de rezar, digo então a Ave-Maria, repito centena de vezes a Ave-Maria».





ΕΓΩ ΕΙΜΙ ΗΝΤΗΣΚΟ
ΤΟ ΦΩΣ ΤΟΥ ΤΙ ΑΛΛΕΞ
ΚΟΣΜΟΥ ΟΥΔΕ ΕΙ ΤΟ ΦΩΣ
ΚΟΛΟΥΘΩΜΕ ΤΗΣΩ
ΥΠΟΙΟΥΜΗ ΗΣ+
ΠΕΡΙ ΠΛΑΝΩ

LA. PART. SOLEM. ROSA FLOREM. FORMA. O ES

Adoração Bíblica

Exposição do Santíssimo Sacramento

O presente texto é uma proposta que deverá ser sucessivamente concretizada e enculturada, segundo as tradições locais.

Reunidos os fiéis e iniciado um cântico, o ministro aproxima-se do local do Sacrário. Traz o Santíssimo Sacramento e coloca-o na custódia. De joelhos, o ministro incensa o Santíssimo Sacramento.

C./ Senhor, contemplamos a tua presença real neste Santíssimo Sacramento e agradecemos-te por nos teres chamado a estar aqui diante de Ti. Reunimo-nos confiados em Ti e na tua Palavra. Prepara a nossa mente e o nosso coração para receber as graças que preparaste para nós neste momento. Faz que tenhamos consciência em cada momento de estar diante de Ti e do teu infinito amor. Abre a nossa compreensão e a nossa vontade para receber a tua Palavra e anunciá-la com a nossa vida.

C./ Graças e louvores se deem a todo o momento.

R./ Ao santíssimo e diviníssimo Sacramento.

«E o Verbo fez-se carne e veio habitar no meio de nós; e nós contemplámos a sua glória, a glória que possui como Filho Unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade». (Jo 1,14)

Pai nosso, Ave Maria, Glória...

C./ Graças e louvores se deem a todo o momento.

R./ Ao santíssimo e diviníssimo Sacramento.

«Disseram, então, um ao outro: “Não nos ardia o coração, quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?”». (Lc 24,32)

Pai nosso, Ave Maria, Glória...

C./ Graças e louvores se deem a cada momento.

R./ Ao santíssimo e diviníssimo Sacramento.

«Ide, pois, e fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado. E sabeis que Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos». (Mt 28,19-20)

Pai nosso, Ave Maria, Glória...

L./ Escutemos e acolhamos a Palavra de Deus, sempre viva e eficaz. Deixemos que ressoe dentro de nós e ilumine as nossas vidas.

Aclamação ao Evangelho

Aleluia, aleluia.

«Permaneçei em Mim e Eu permanecerei em vós, diz o Senhor.

Quem permanece em Mim dá fruto abundante».

Aleluia.

Do Evangelho segundo são João (15,1-5.9-11)

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: «Eu sou a verdadeira vide e meu Pai é o agricultor. Ele corta todo o ramo que está em Mim e não dá fruto e limpa todo aquele que dá fruto, para que dê ainda mais fruto. Vós já estais limpos, por causa da palavra que vos anunciei. Permaneci em Mim e Eu permanecerei em vós. Como o ramo não pode dar fruto por si mesmo, se não permanecer na videira, assim também vós, se não permanecerdes em Mim. Eu sou a videira, vós sois os ramos. Se alguém permanece em Mim e Eu nele, esse dá muito fruto, porque sem Mim nada podeis fazer. Assim como o Pai Me amou, também Eu vos amei. Permaneci no meu amor. Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor, assim como Eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai e permaneço no seu amor. Disse-vos estas coisas, para que a minha alegria esteja em vós e a vossa alegria seja completa».

Reflexão guiada:

L./ No âmbito do *Domingo da Palavra de Deus* celebramos este momento de adoração, que este ano se inspira no texto: «*Permaneci na minha palavra*» (Jo 8,31). Diante de Jesus Eucaristia refletimos:

1. João começa o seu Evangelho dizendo que «o Verbo se fez carne» (1,14). Em Jesus, o Deus invisível fez-se ver e ouvir. Quantas palavras e ações de Jesus puderam os apóstolos ouvir e ver! Muitas delas estão registadas nos Evangelhos, nos quais podemos contemplar Jesus através da sua Palavra. Jesus continua a falar-nos e a agir na nossa vida.

(momento de silêncio entre cada ponto)

2. Deus quer estabelecer connosco uma relação pessoal, de intimidade. Jesus tocou o coração de tantos daqueles que O encontraram no Evangelho. Hoje Ele quer ter esta relação única e exclusiva com cada um de nós. Ter uma relação de amizade com Jesus significa “permanecer n’Ele”. Mas também Ele permanece em nós, é um permanecer recíproco. É a reciprocidade própria da amizade. Um para o outro e vice-versa. Como se lê no Cântico dos Cânticos: «Eu sou do meu amado e o meu amado é para mim» (6,3). Ele permaneceu presente, vivo e real na Eucaristia para se entregar totalmente a nós, para permanecer connosco “até ao fim do mundo”. Agora temos de escolher “permanecer com Ele”, não só neste momento de oração, mas todos os dias da nossa vida

3. Sem Jesus, podemos fazer nada, como os ramos sem a videira. Devemos «permanecer em Jesus para ter a seiva, a força, a justificação, a gratuidade, a fecundidade. E Ele permanece em nós para nos dar a força de [dar] fruto, para nos dar a força do testemunho com o qual a Igreja cresce» (Papa Francisco, Homilia na Capela da Casa Santa Marta, 13 de maio de 2020).

4. O seu desejo é dar-nos a verdadeira alegria. Só com Jesus a nossa vida recebe a alegria plena. Uma alegria pura que penetra todo o ser. Jesus está connosco e permanecerá sempre connosco; nada nos poderá separar d’Ele, ninguém poderá roubar a nossa alegria. Deixemos

que hoje Ele nos dirija a sua Palavra. O seu modo de falar é sempre com amor e autoridade transformadora: «diz uma só palavra», como dizia o centurião romano. Uma só! Ele teve uma palavra para Levi naquela mesa; uma para Zaqueu naquele sicómoro; uma para Pedro, Tiago e João junto ao mar; uma para Maria fora do túmulo... Ele também tem uma para nós. Deixemos que Ele nos fale ao coração, permaneçamos e habitemos na sua Palavra, pois só Ele tem palavras de vida eterna (cf. Jo 6,69).

Oração pessoal

Neste momento, poderia dar-se aos fiéis a citação bíblica de Jo 15,5 («Eu sou a videira, vós sois os ramos. Se alguém permanece em Mim e Eu nele, esse dá muito fruto, porque sem Mim nada podeis fazer») para facilitar a oração pessoal. Pode acompanhar-se este momento com uma música adequada.

Silêncio orante

Cântico

Oração comunitária

L./ Tu que foste contemplado pelos pastores e pelos magos em Belém...

R./ Faz que eu te descubra na minha vida, Senhor. (cf. Mt 2,11)

L./ Tu que mostraste a tua Glória no Tabor...

R./ Faz-me regozijar com as alegrias de cada dia, Senhor. (cf. Mt 17,1s)

L./ Tu que chamaste os teus discípulos junto ao lago...

R./ Faz que também eu escute a tua chamada, Senhor. (cf. Mt 4,18-22)

L./ Tu que viste a criatividade de Zaqueu...

R./ Faz que eu te ofereça os meus esforços, Senhor. (cf. Lc 19,1s)

L./ Tu que, tocando os surdos, lhes mostraste a tua proximidade...

R./ Faz que eu acolha a tua Palavra. (cf. Mc 7,33)

L./ Tu que mudaste o horizonte da vida de Mateus...

R./ Enche de sentido a minha vida, Senhor. (cf. Mt 9, 9-13)

L./ Tu que, voltando-te para Lázaro, o trouxeste de volta à vida...

R./ Encoraja o meu fervor e desejo de santidade, Senhor. (cf. Jo 11,1s)

L./ Tu que, explicando as escrituras aos teus discípulos ao longo do caminho, transformaste a sua tristeza em alegria...

R./ Acende em nós o amor pela tua Palavra e a certeza da tua presença. (cf. Lc 24,13-35)

Canto**Pai nosso**

C./ Damos-Te graças, Senhor, porque estás sempre perto de nós, especialmente na Eucaristia e na tua Palavra. Queremos voltarmo-nos em cada momento para Ti, Palavra de Vida Eterna, acolher-Te com fé e simplicidade, partilhar-Te aos outros com entusiasmo, viver a tua Palavra na quotidianidade e anunciar-te com coragem. Com a confiança de filhos e com as tuas próprias palavras, ousemos dizer: *Pai nosso...*

Bênção

No final da adoração, o sacerdote e o diácono aproximam-se do altar; canta-se *Tantum ergo* ou outro cântico apropriado. Entretanto, o ministro ajoelha-se e incensa o Santíssimo Sacramento. Depois levanta-se e diz:

Oremos:

Senhor Jesus Cristo,
que no admirável sacramento da Eucaristia
nos deixaste o memorial da tua Páscoa,
faz que adoremos com fé viva
o santo mistério do teu corpo e do teu sangue,
para sentirmos sempre em nós os benefícios da redenção.
Tu que vives e reinas pelos séculos dos séculos.
R./ Amen.

Dita a oração, o sacerdote ou o diácono veste o véu de ombros e, pegando na custódia ou na píxide, faz o sinal da cruz com o Santíssimo, em silêncio.

Aclamações

Se for oportuno, após a bênção eucarística, podem dizer-se, segundo os costumes locais, as seguintes aclamações:

Bendito seja Deus.
Bendito o seu Santo Nome.
Bendito Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem.
Bendito o Nome de Jesus.
Bendito o seu Sacratíssimo Coração.
Bendito o seu Preciosíssimo Sangue.
Bendito Jesus no Santíssimo Sacramento do Altar.
Bendito o Espírito Santo Paráclito.
Bendita a excelsa Mãe de Deus, Maria Santíssima.
Bendita a sua Santa e Imaculada Conceição.
Bendita a sua gloriosa Assunção.
Bendito o nome de Maria, Virgem e Mãe.

Bendito S. José, seu castíssimo esposo.
Bendito Deus nos seus Anjos e nos seus Santos.

Reposição

Terminada a bênção, o sacerdote ou o diácono que deu a bênção, ou outro sacerdote ou diácono, repõe o Santíssimo no sacrário e faz a genuflexão.





«Permaneçei na minha palavra»

(cf. Jo 8, 31)

Esquema para a Celebração Eucarística

Propomos agora algumas sugestões litúrgicas para a Celebração da Santa Missa, todavia, à discrição do Bispo local e do Pároco, podem ser introduzidos outros gestos que sublinhem a importância da Palavra de Deus na comunidade celebrante – em conformidade, naturalmente, com as indicações litúrgicas vigentes relativas à celebração da Eucaristia.

O ambão deve ser ornamentado e junto dele pode colocar-se o círio pascal aceso. Junto do altar, ou junto do ambão, ou num outro lugar especialmente preparado (uma capela, por exemplo), deve preparar-se um lugar visível a toda a assembleia, elevado e ornamentado, onde possa ser colocado o texto sagrado. Numa outra mesa, podem dispor-se as Bíblias que serão entregues aos vários representantes da comunidade paroquial.

Deve ser evidente que, na Missa, se prepara a mesa da Palavra de Deus e a do Corpo de Cristo. O ambão invoca o altar, na medida em que a Palavra anunciada do ambão se faz “carne” no altar. Pode-se falar, justamente, de “duas mesas”: a da Palavra e a da Eucaristia.

A Santa Missa inicia *more solito*: encorajamos, segundo as possibilidades, a que se faça a procissão solene com o turíbulo, a naveta, a cruz e as velas, levando o Evangeliário segundo o costume da Igreja romana. O diácono (na sua ausência, este gesto pode ser feito pelo presbítero) leva processionalmente o Evangeliário, segurando-o um pouco elevado, se possível acompanhado também de duas velas acesas. Chegado ao presbitério, o Evangeliário é colocado sobre o altar, ao centro.

O facto de ser colocado sobre o altar confere ao Evangeliário uma honra excepcional. Uma vez que o altar é o próprio Cristo, só a Eucaristia e o Evangeliário gozam do privilégio de ser colocados sobre ele. Esta deposição é semelhante à entronização e à exposição do Santíssimo Sacramento. Este gesto, reservado ao texto sagrado, tem por objetivo exprimir a disposição interior dos fiéis: a Palavra de Deus vem e ocupa o lugar central na assembleia

Após a saudação inicial, introduz-se com estas palavras ou outras semelhantes:

C. Neste dia, a Igreja celebra o *Domingo da Palavra de Deus*. É um Domingo “dedicado à celebração, reflexão e divulgação da Palavra de Deus” (*Aperuit Illis*, 3). Abramos a nossa mente e o nosso coração para acolher esta Palavra, «lâmpada para os nossos passos e farol do nosso caminho» (cf. Sl 118, 105). Deus, através da sua Palavra, deseja revelar-se e habitar nas nossas existências. Para que possamos acolher a sua presença durante esta celebração, reconhecamos que somos pecadores e invoquemos com confiança a misericórdia de Deus.

ATO PENITENCIAL

Segue o ato penitencial, que poderá ser o seguinte:

C. Senhor, que sois a Palavra de Deus feita carne, *Kyrie eleison*

R. *Kyrie eleison*

- C. Cristo, que dais a vista aos cegos com a força da tua palavra, *Christe eleison*
 R. *Christe eleison*
 C. Senhor, que libertais as nossas vidas do pecado, *Kyrie eleison*
 R. *Kyrie eleison*
 C. Deus onnipotente tenha misericórdia de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna.
 R. *Ámen.*

Canta-se o Glória e depois inicia a Liturgia da Palavra *more solito*.

LITURGIA DA PALAVRA

Uma vez que proclamar a Palavra assume o valor de um acontecimento salvífico, no qual se atualiza a história da salvação, há que ter o maior cuidado na proclamação da Palavra de Deus. Não se trata de uma simples leitura do texto, mas do anúncio de uma presença, é Deus que dá a conhecer a sua obra salvífica. Portanto, o leitor é o primeiro mediador da Palavra de Deus, aquele que deve ajudar a assembleia litúrgica a acolher a mensagem e a guardá-la para a traduzir na vida.

O Lecionário é o livro litúrgico que recolhe toda a Palavra de Deus anunciada nas celebrações eucarísticas. O Lecionário deve, portanto, ser digno, decoroso e belo, capaz de suscitar o sentido de Deus que fala ao seu povo. Por isso, não são adequados para a proclamação da Palavra de Deus outros subsídios pastorais substitutivos, como, por exemplo, os “folhetos”, que devem ser destinados aos fiéis apenas para a preparação e meditação pessoal das leituras. O próprio livro litúrgico deve ser como a epifania da beleza de Deus no meio do seu povo.

Para a proclamação do Evangelho, traz-se o Evangeliário em procissão do altar ao ambão, onde é incensado. Durante a «Aclamação ao Evangelho», o turiferário dirige-se à sede, para a infusão do incenso; depois, com o diácono ou o presidente, dirige-se ao ambão para a incensação e a proclamação. Seria bom cantar a saudação e a proclamação inicial: «Do Evangelho...» (e a resposta final «Palavra da Salvação»), para sublinhar a importância do que será lido. Se a celebração for presidida pelo bispo, no fim da proclamação, o presbítero ou o diácono leva o Evangeliário ao bispo, para que este o beije. É bom que, nesta ocasião, o celebrante dê também a bênção ao povo.

«Quando na Igreja se lê a Sagrada Escritura, é o próprio Deus quem fala ao seu povo, é Cristo, presente na sua palavra, quem anuncia o Evangelho» (Instrução Geral do Missal Romano, 29). Quando o presbítero ou o diácono tomam o Evangeliário do altar, significa que as palavras lidas a seguir não são suas, mas de Jesus, Senhor da história e da Igreja. A proclamação do Evangelho deve ser objeto da maior atenção, pelo que é bom que seja precedida de incensação.

ENTRONIZAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS

Ao terminar a proclamação do Evangelho, o ministro, depois de ter beijado o texto sagrado,

coloca-o processionalmente no trono, onde é aberto e incensado. Este trono pode incluir velas, flores ou vasos de plantas.

Um comentador pode explicar o gesto com estas palavras ou outras semelhantes:

O livro que contém a Palavra de Deus é agora solenemente colocado no trono. É um gesto simbólico com o qual não só elevamos a Sagrada Escritura no meio da nossa comunidade orante, mas também manifestamos a nossa vontade de a colocar no primeiro lugar da nossa vida. Assim, a Palavra de Deus torna-se o farol da nossa existência, que ilumina as nossas decisões e inspira as nossas ações de acordo com a vontade de Deus.

Durante os grandes Concílios ecumênicos, surgiu a tradição de colocar o Evangeliário sobre um trono, para sublinhar o primado da Palavra de Deus. Aconteceu também no Concílio Vaticano II.



HOMILIA

ENTREGA DA BÍBLIA

No final da homilia, pode entregar-se a todos os presentes (ou só a alguns) o texto da Bíblia (ou de um dos seus livros, como, por exemplo, um dos Evangelhos). Depois de um breve momento de silêncio meditativo, o celebrante introduz:

C. Caríssimos, o evangelista João recorda-nos que «Esta é a vida eterna: que te conheçam a ti, único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem Tu enviaste» (Jo 17,3). Também nós queremos conhecer Deus que se revelou através da sua Palavra. Queremos, portanto, acolher a Palavra, sentindo a importância da sua leitura quotidiana, para vivermos cada vez mais unidos a Cristo Jesus. Para isso, dirigamos a Deus a nossa oração.

Após um breve momento de oração silenciosa, o celebrante, de braços abertos, diz:

C. Pai da Luz,
nós vos louvamos e bendizemos
por todos os sinais do vosso amor.
Fizestes renascer estes vossos filhos
da água e do Espírito Santo
no seio da Igreja Mãe
e agora chamai-os a ouvir e a proclamar a Palavra que salva.
Jesus Cristo, que é a vossa Palavra feita homem
os leve ao conhecimento do mistério
escondido aos sábios e inteligentes
e revelado aos pequeninos.
Concedei-lhes que abram os seus corações
para compreender o sentido das Sagradas Escrituras.
Fazei que se tornem testemunhas vivas do Evangelho,
que lerão nestes livros.
Que Maria, Mãe da Sabedoria, interceda por eles,
Ela que foi a primeira a acolher no seu seio
o Verbo que se fez carne.
Que o vosso Espírito Santo conceda a cada um de nós
a graça de colaborar com simplicidade e alegria
no anúncio da vossa Palavra, para glória do vosso nome.
Por Cristo, nosso Senhor.

R. Amen.

O celebrante dirige-se à mesa onde estão dispostos os textos a entregar, toma-os e distribui-os aos fiéis. Enquanto entrega o texto, diz:

C. Recebe as Sagradas Escrituras, lê, anuncia e testemunha com alegria a Palavra de Deus.

Responde-se:

R. *Ámen.*

Depois da distribuição dos textos, a Santa Missa prossegue *more solito* com o Credo e a Oração dos Fiéis.

Entregar a Bíblia aos fiéis torna-se um ato de responsabilidade, em que a Palavra de Deus se entrega nas mãos dos homens, que naquele momento passam a ser responsáveis por acolhê-la e transmiti-la. Para a transmitir, é preciso primeiro recebê-la. Será, portanto, «um vão pregador da Palavra de Deus por fora quem não a escuta por dentro» (Santo Agostinho, Sermão 179, 1).

ORAÇÃO DOS FIÉIS

Poderá usar-se a seguinte oração dos fiéis, modificando-a segundo as necessidades da comunidade:

C. Caríssimos irmãos e irmãs, reunidos em assembleia para celebrar os mistérios da nossa redenção, supliquemos a Deus Todo-Poderoso que, através da sua Palavra, o nosso caminho para a santidade seja renovado. Oremos, dizendo: ***Fazei de nós, Senhor, anunciadores da vossa Palavra!***

1. Pelo Santo Padre, pelos bispos e sacerdotes, para que amem cada vez mais a Palavra de Deus e a partilhem com alegria às pessoas a si confiadas, através da meditação aprofundada, oremos.
2. Pelos leitores e os catequistas que hoje receberam o seu ministério, para que, aprofundando a cada dia a Palavra de Deus, se configurem com ela e a transmitam com o testemunho da própria vida, oremos.
3. Pelos pais, para que, iluminados e reforçados pela Palavra de Deus, tenham a sabedoria de guiar os próprios filhos, transmitindo-lhes a fé em Cristo, oremos.
4. Por toda a comunidade cristã que escuta a voz de Deus que fala através da sua Palavra, para que cresça na unidade e dê um autêntico testemunho do amor de Deus, oremos.
5. Pela Igreja, chamada a ser unida em Cristo, para que na escuta da Sagrada Escritura saiba descobrir o caminho para chegar a uma unidade autêntica e sólida, oremos.
6. Por cada um de nós, para que abramos o nosso coração à Palavra de Deus e, assim, trabalhe-mos juntos a cada dia para construir a paz, oremos.

C. Escutai, Pai misericordioso, estas orações que Vos dirigimos com fé por meio do Vosso Filho, o Verbo feito carne, que vive e reina convosco, pelos séculos dos séculos. *Ámen*

Segue a Santa Missa *more solito*.

BÊNÇÃO SOLENE

O sacerdote, estendendo as mãos, diz:

C. Deus, que manifestou a sua verdade e caridade em Cristo,

faça de vós apóstolos do Evangelho
e testemunhas do seu amor no mundo.

R. **Ámen.**

C. O Senhor Jesus, que prometeu à sua Igreja
que estaria sempre presente até ao fim dos tempos,
guie os vossos passos e confirme as vossas palavras.

R. **Ámen.**

C. O Espírito do Senhor esteja sobre vós,
para que, caminhando pelas estradas do mundo,
possais evangelizar os pobres e curar os contritos de coração.

R. **Ámen.**

Abençoa todos os presentes, dizendo:

C. Abençoe-vos Deus todo-poderoso,
Pai, Filho + e Espírito Santo.

R. **Ámen.**



*«Permaneçei na minha palavra»
(cf. Jo 8, 31)*



DICASTÉRIO PARA A EVANGELIZAÇÃO

SECÇÃO PARA AS QUESTÕES FUNDAMENTAIS
DA EVANGELIZAÇÃO NO MUNDO

<http://www.evangelizatio.va/>